

BRUTALISMO EM BRASÍLIA: REFLEXÕES E PERMANÊNCIAS

Carlos Henrique Magalhães de Lima

Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Av. Reitor Pedro Calmon, 550.

Prédio da FAU - Reitoria - 5° andar - sala 521

Cidade Universitária - Rio de Janeiro, RJ - 21941-901

Brasil

email:carlos.lima@ufrj.br

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade ampliar a compreensão acerca do desenvolvimento da arquitetura moderna no panorama múltiplo e complexo que se sucede à inauguração de Brasília. No intuito de esclarecer os aspectos das propostas arquitetônicas e relações conceituais, tanto quanto suas possíveis relações no panorama contemporâneo, propõe-se uma aproximação reflexiva ao Brutalismo, uma das vertentes que permearam a arquitetura brasileira. O processo de experimentação formal levado adiante por arquitetos atuantes em Brasília é marcado não apenas pela assimilação de aspectos da vertente carioca, mas acompanhado por outras influências propositivas, resultado observável em diversos edifícios referenciais.

Podemos assinalar a década de 1970 em Brasília como o momento marcado por um alinhamento maior à arquitetura paulista, vertente esta analisada tanto em estudos de caso quanto em longas panorâmicas históricas. O resultado dessa filiação à arquitetura do Brutalismo – diversa às investigações éticas e formais da escola carioca, como proposto por Ruth Verde Zein – é a emergência de novos paradigmas projetuais, encarnados tanto em elementos de composição volumétrica, quanto no agenciamento dos espaços internos e sua relação com o entorno imediato.

Partimos do princípio de que a forma arquitetônica possui estreita relação com o a malha urbana, tanto quanto o ambiente urbano influencia no agenciamento do edifício em diferentes proporções e intensidades. O caso particular de Brasília – em que pese a ampla diluição do tecido urbano tradicional, o edifício isolado no terreno, a lógica das projeções e outros tantos condicionantes – favoreceu alguns aspectos essenciais ao desenvolvimento do repertório do Brutalismo em sua acepção local. Caso da tênue separação entre interior e exterior, caracterizada por percursos conciliados com o chão, pelos planos de vidro e aberturas que mediam o entorno, dentre outros elementos possibilitados pelo desenvolvimento de uma tecnologia construtiva.

Diante disso, propõe-se um estudo vertical e delimitado, que não se fecha a outras referências, com o propósito de observar exemplares da arquitetura de Brasília produzidos ao longo da década de 1970. Assim sendo, propõe-se a análise de dois edifícios situados no *campus* da Universidade de Brasília: O

Restaurante Universitário (1969-74), de José Galbinski com colaboração de Ernesto Walter e Antônio Carlos Moraes de Castro; e o edifício da **Reitoria da UnB** (1972-75) de Paulo de Mello Zimbres com colaboração de Érico Weidle.

Entende-se que o período é profícuo para compreender tanto a produção disseminada naquele momento, quanto a influência assimilada em outros edifícios, como a **Biblioteca Central da UnB** (1969-73) de José Galbinski e Miguel Pereira, com colaboração de Milton Ramos; a **Faculdade de Estudos Sociais Aplicados** (1982 em diante) de Matheus Gorovitz e Mauricio Azeredo. Esperamos que estas produções nos guiem no sentido de entender como aspectos distintivos de uma determinada época se alongam em tempos recentes por meio de determinadas tipologias e de procedimentos construtivos, enunciando um raciocínio projetual que permeia a produção contemporânea situada no intrincado panorama da arquitetura moderna brasileira.

Palavras chave:

Palavras-chave: Brutalismo. Brasília. *campus* da UnB

ABSTRACT

The present study aims to expand our understanding about the development of modern architecture in multiple and complex panorama which followed the inauguration of Brasilia. To clarify aspects of architectural concepts as much as their possible relationships in the contemporary landscape, we propose a reflexive approach to brutalism, one of the many tendencies that permeated the development of Brazilian architecture. The process of formal experimentation carried forward by architects working in Brasilia is marked not only by the assimilating of terms from the Escola Carioca, but also by other influences which can be observed in many remarkable buildings.

We may mention the 70s in Brasilia as the moment marked by a greater alignment to the architecture of Brutalism, it was analyzed both in case studies and in long panoramic of our historiography. The result of this affiliation to the brutalist architecture – different bouth in ethical and formal investigations from the Escola Carioca, as proposed by Ruth Verde Zein – is the emergence of new design paradigms, embodied in volumetric composition of elements, as much as in arrangement of the interior spaces and its relation with souroundings.

We assume that the architectural form has a close relationship with the the urban plot, as well as the urban environment influences the design building in different proportions and intensities. The particular case of Brasilia - in spite of the large dilution of the traditional urban arrangement, represented by the isolated building and many other conditions – favored some essentials aspects to the development of the repertoire of brutalism. It's the case of the thin separation between interior and exterior, characterized by pathways reconciled with the ground, the planes of glass and openings that mediate the surroundings, among other elements, whose was only possible because the development of a constructive technology.

Therefore, we propose a vertical and bounded study, not closed to other references, with the purpose of observing exemplary architecture of Brasilia produced throughout the 1970s. Thus, delimit two buildings on the campus of the University of Brasilia: The UnB Restaurant (1969-74), designed by José Galbinski in collaboration with Ernesto Walter and and Antônio Carlos Moraes de Castro, and the Presidency of UnB (1972-75) designed by Paulo de Mello Zimbres in collaboration with Érico Weidle.

We think that the period is fruitful for understanding both the production locally disseminated, as the influence assimilated in other buildings, such as the Central Library of the University of Brasília (1969-73) José Miguel Pereira Galbinski and with collaboration of Milton Ramos, The School of Applied Social Studies (1982 onwards) by Matheus Gorovitz and Mauricio Azeredo. We hope that these productions guide us towards understanding how the distinctive features of a particular season stretch by lapse of time by means of typological elements which have provided a design method manifested in many contemporary productions.

Keywords: máximo 3, separados com ponto; espaçamento depois do parágrafo de 12 pt).

BRUTALISMO EM BRASÍLIA: REFLEXÕES E PERMANÊNCIAS

BRUTALISMO, UMA LEITURA

A dinâmica urbana de Brasília se efetua no equilíbrio dinâmico entre forma edificada e continuidade urbana. Isto não seria uma particularidade não fosse a extensão de seu tecido moderno, em que um sistema de projeções e do edifício isolado, fez surgir determinados condicionantes para a produção arquitetônica, influenciando sensivelmente seu resultado formal. Parte-se da perspectiva de que estas condições contextuais, ampliaram as possibilidades de assimilação de certos elementos de partido, levantando possíveis nexos entre filiações diversas. Ao longo da década de 1970 uma geração pioneira de arquitetos atuantes em Brasília, produziu (também) uma arquitetura orientada por vertentes não coincidentes com a escola carioca, pautando suas escolhas a partir de outras formulações, como a vertente paulista em sua versão brutalista.

Como observou Maria Alice Junqueira Bastos, o Brutalismo paulista foi um movimento contemporâneo a Brasília, que ocorre a partir de meados da década de 1950 (BASTOS,2003). Esta acepção se alinha ao amplo e profundo panorama do tema realizado por Ruth Zein, que situa sem restringir, esse rico universo de obras referenciais (ZEIN,2005). Para Zein a arquitetura do Brutalismo no Brasil, apesar de possuir origem geográfica bem definida, foi difundida, em diferentes variações e intensidades em outros âmbitos, influenciando a produção arquitetônica no período amplo e complexo ulterior à inauguração de Brasília. É neste horizonte que se pretende trabalhar aqui, buscando as permanências e reflexões que a arquitetura brutalista emanou na cidade.

Este trabalho se situa na expectativa de ampliar o panorama deste debate, sendo que a leitura será dividida em duas partes complementares. A primeira analisa aspectos do espaço livre público na forma edificada, suas características construtivas e espaciais. Em seguida, será feita análise crítica do Restaurante Universitário e Reitoria, buscando identificar o que possuem de semelhanças e categorias distintivas. Espera-se que esta reflexão possa se inserir na continuidade de outras pesquisas que se propõe ao estudo do Brutalismo e suas possíveis permanências.

O prédio da Reitoria (1972-75) projetada por Paulo de Melo Zimbres com colaboração de Érico Weidle; e o Restaurante Universitário (1969-74) de José Galbinski, com colaboração de Antonio Moraes de Castro e Ernesto Walter, foram escolhidos pela aproximação que pode ser feita a obras referenciais do Brutalismo. A escolha não exclui outras entradas sobre o tema, tampouco irá restringir o horizonte de discussão, mas a delimitação é necessária e se justifica não só pelos

aspectos das edificações, mas também pelo conjunto de características espaciais do campus: grandes espaços abertos e edifícios isolados numa lógica de projeções, uma situação urbana que, se não caracteriza toda a extensão do Plano Piloto, é um porção representativa da lógica moderna.

Deve-se considerar ainda que reflexões do Brutalismo (em suas características essenciais) podem ser lidas em outros edifícios do *campus*. O claro contraste entre vedação e estrutura, o concreto e alvenaria aparentes, estão presentes, por exemplo, na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (1982) de Matheus Gorovitz e Mauricio Azeredo. Ou ainda, a Biblioteca Central da UnB (1969-73) de José Galbinski e Miguel Pereira, onde se percebe o concreto aparente como material predominante numa composição robusta, em que o uso de elementos fixos em concreto se faz presente nas vedações e mobiliário. No limite, o Posto Comunitário de Abastecimento (1997-98, conhecido como Postinho) projetado por Matheus Gorovitz é um edifício de rara síntese construtiva e espacial, emana a força do Brutalismo em sua opção radical por um espaço contínuo e ilimitado.



Figura 1. Biblioteca Central da UnB. Fonte: Centro de Documentação. CEDOC-UnB.

Entretanto, os edifícios do RU e Reitoria apresentam uma complexidade no que se refere à conciliação de trajetos e separação dos fluxos. São edifícios de programa complexo que possuem vários níveis, e que portanto estão mais próximos à esta abordagem, pautada não só nos elementos formais e materiais, mas na maneira como permitem a permeabilidade de um tecido urbano que se amplia em muitas direções. Seria esta uma das permanências do Brutalismo – a da

relação do edifício com o chão – capazes de ampliar as reflexões na análise da constituição urbana moderna? Que caminhos se abrem a partir dessa leitura e que auxiliam o entendimento da arquitetura moderna brasileira pós-1960?



Figura 2. Reitoria da UnB. Fonte: Centro de Documentação. CEDOC-UnB

O BRUTALISMO EM REGRA ABERTA

As tendências na arquitetura brasileira após 1960, mais especificamente, ao movimento moderno que se desenvolveu em Brasília, são herdeiras de escolas, causas e manifestos. São também, em certa medida, autônomas (não independentes) e respondem a diversas imposições até então nunca experimentadas numa cidade em igual proporção e escala. Dentre os aspectos essenciais que podem ser destacados está a relação do edifício com o chão. A ausência de limites físicos e barreiras que caracteriza o sistema de projeção, amplia as possibilidades de projeto tanto quanto de questões que devem ser contempladas no agenciamento do edifício. Dentre as quais podemos citar, de sua relação entre frente e fundos, pois, em muitos casos simplesmente não existe essa oposição hierárquica.

Esta situação se manifesta na obra de diversos arquitetos, da geração pioneira até profissionais mais jovens que se empenharam em entender as características constitutivas do Plano Piloto e levaram adiante seus fundamentos e definições. A efetivação do Plano para Brasília, ainda que constantemente ameaça por diversas incompreensões, é resultado do esforço contínuo dispensado pelos arquitetos, não apenas no agenciamento de seus edifícios, mas de sua própria continuidade no entorno imediato, suas próprias implicações urbanas. A partir dessa chave de

leitura é possível realizar a leitura de resultados formais que, embora apresentem certa diversidade, permitem algumas aproximações.

Neste enquadramento é que esta análise tem seus contornos definidos, dada a necessidade colocada aqui de se explorar temas e não autores ou tipologias. Estes eixos temáticos, por sua vez, podem ser elencados a partir de enfoques distintos; neste caso, interessa observar aspectos que permearam a produção arquitetônica brasileira a partir dos anos 1950 e suas permanências no período pós-Brasília. Como itinerário de abordagem sugere-se aqui a discussão em torno dos seguintes aspectos: (i) relação entre interior e exterior e sua continuidade espacial relacionada à implantação e permeabilidade urbana; (ii) elementos formais empregados, tais como: desenho das circulações, materiais predominantes e esquadrias.

REFLEXÕES BRUTALISTAS

O desenvolvimento de alguns paradigmas projetuais relacionados ao ambiente urbano será analisado brevemente nos Parágrafos seguintes. Trata-se de procurar entender uma dinâmica urbana a partir de determinados princípios e de como irão impactar o agenciamento de edifícios. A implantação isolada do edifício traz a necessidade de conjugar diversos trajetos que se encontram com o edifício. A resposta arquitetônica para esta condição é, na maioria dos casos, a interposição de barreiras que tem por finalidade impedir o trajeto em torno do bloco, resguardar áreas técnicas e de serviço, dentre outros. No entanto, em edifícios simbólicos (como os estudos de caso aqui analisados) a opção é por um partido aberto e permeável.

Esta situação se apresenta em diferentes variações e intensidades e direciona em parte a adoção de algumas estratégias, que se complementam de acordo com as características do programa e necessidades na implantação. A estratégia compositiva da “caixa elevada”, das empenas cegas e da estrutura porticada, por exemplo, apresentam-se diluídas e conjugadas a outros raciocínios compositivos, a depender de sua situação urbana, princípio construtivo, dentre outros.

No edifício do Tribunal Superior Eleitoral (1968), Nauro Esteves projeta um vazio em sombra que guarda o acesso. A forma sintética do bloco se projeta imponente na Praça dos Tribunais por um grande balanço, exibindo força e potência construtiva. O arquiteto adota a estratégia da caixa suspensa e, ainda que o resultado seja o grande esforço no dimensionamento das estruturas, elas não são protagonistas na definição do aspecto plástico do edifício. Além disso, o grande vazio não permite a grande permeabilidade de acessos, não conjuga caminhos na continuidade da praça.

Os planos em empena cega não são predominantes e pouco aparecem como macro-estrutura. O Edifício do Serpro, na via L2 Norte, apresenta em plano sintético de fachada em concreto aparente, que faz que cria uma delimitação perimétrica concisa afastada dos planos de vidro,

protegendo da insolação poente. Os recortes no plano sinalizam os acessos, estabelecem um diálogo sintético com a via e protegem os planos de vidro da insolação direta.

O estudo de caso das residências unifamiliares é profícuo pela diversidade de abordagens realizadas. A Residência José da Silva Neto (1973-76) projetada por João Filgueiras Lima é uma caixa suspensa por dois grandes pórticos de concreto. As peças que definem seu volume sintético tocam o solo em quatro pontos, criando um vazio em sobra para atividades coletivas e de lazer. Esta elevação dos ambientes reforça a presença da vegetação e valoriza os azulejos de Athos Bulcão, que revestem os volumes da escada.



Figura 3. Residência José da Silva Neto. Fonte: Fotografia de Joana França.

A gradação entre ambientes íntimos e sociais é outro aspecto que contribui para esta estratégia de composição. A Casa AA (1973) de Milton Ramos é feita por duas empenas sobre talude gramado que delimitam os dormitórios. Os ambientes sócias ao térreo são delimitados pelas paredes de arrimo, que suportam essa topografia espacial, e por planos de vidro em direção ao interior, ocupado por piscina e área de lazer. Esta síntese construtiva e espacial revela que elementos de composição encontrados na dimensão, possuem sua equivalência na escala doméstica e de edifícios restritos e privados.



Figura 4. Casa AA (1973), Brasília-DF. Fonte: Fotografia de Joana França, 2002.

Síntese volumétrica, concisão estrutural, permeabilidade ao rés-do-chão, austeridade material, são características apontadas até o momento e que aparecem nas diferentes formulações sobre o Brutalismo. Em que pese que estes princípios se apresentam de maneira difusa (mas não menos incisiva) no pensamento arquitetônico local, a análise seguirá em torno de sua repercussão urbana, sua dimensão expressiva no território por meio de edifícios coletivos.

Como forma de elencar os itens de observação, estipulou-se aqui um conjunto de características plásticas, compositivas, estruturais e simbólicas que derivam de leituras anteriores sobre o assunto. A obra de Ruth Verde Zein funcionou como uma baliza maior que aponta derivações e particularidades encontradas em outras obras, caso do “ideal coletivo” de um Brutalismo que se aclimatou ao Brasil e às identidades locais, como sugere Marlene Acayaba; ou ainda a ampla vinculação entre obra a discurso no sei do Brutalismo paulista feito por Maria Luiza Sanvitto. São expressões compartilhadas ou conflitantes que nos permitem elencar os termos de análise, como segue:

- a) **Quanto a composição e volume**, agenciamento do partido plástico.
- b) **Quanto ao sistema estrutural** e sua relação com vedações e elementos fixos.
- c) **Quanto às superfícies e materiais**, aspectos de iluminação, forma e textura.
- d) **Quanto ao corte** dos edifícios, seu rebatimento na fachada e sua expressão volumétrica.
- e) **Quanto à implantação** e permeabilidades, sejam visuais ou de trajeto.

Estes cinco pontos não pretendem esgotar a leitura destes edifícios, tampouco servem de guia para entender as possíveis dimensões do Brutalismo em Brasília, são antes uma possibilidade de leitura, e como tal, aberta e inconclusa.

RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

O Restaurante Universitário é um edifício fundamental para a vida no *campus*. O restaurante serve em torno de seis mil refeições diárias, divididas em turno de almoço e jantar. Possui área construída cerca de 6.300 m² em 4 pavimentos que contam com: cozinha central, 6 refeitórios, 6 cozinhas-minuto, 6 pontos de caixa, 1 guarda-volumes e sanitários. O fluxo intenso de alunos, professores e público geral, tanto quanto O calor produzido nas cozinhas justificam a amplidão de seus espaços. O RU se situa no ponto médio do ICC, em sua região convexa, guardando certa eqüidistância das demais unidades acadêmicas.

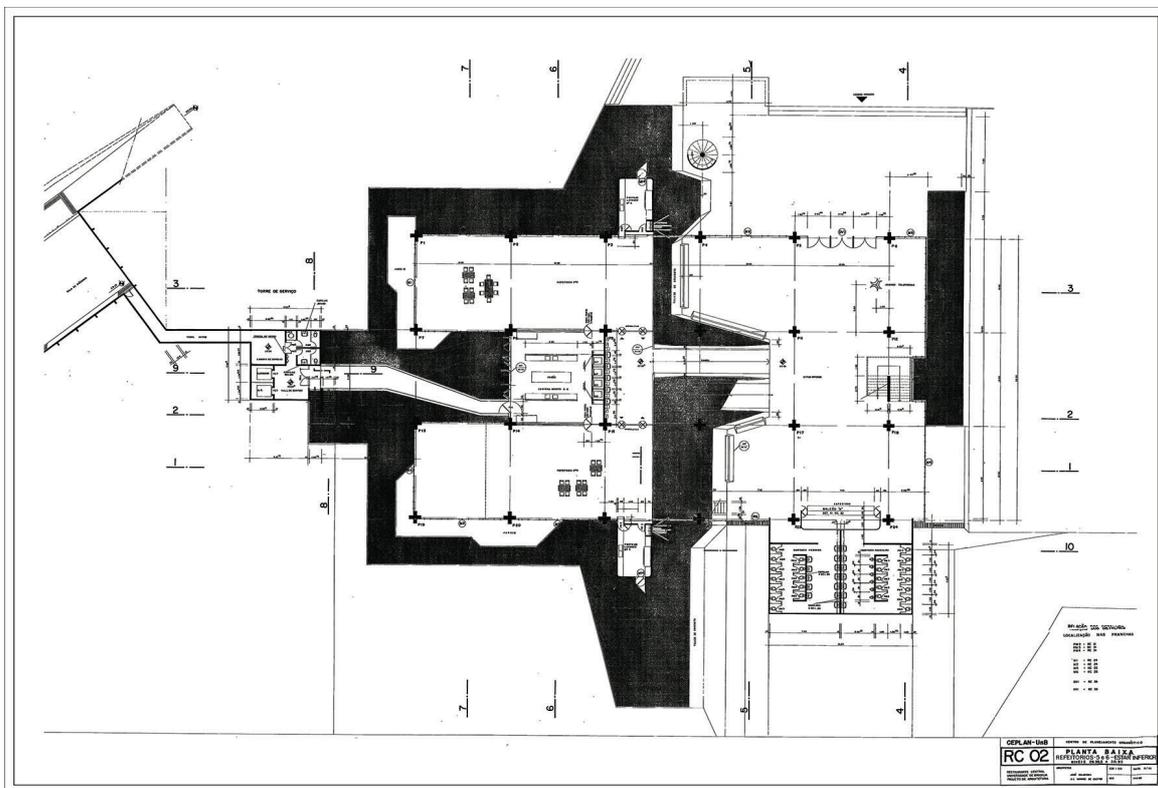


Figura 5. Restaurante Universitário. Planta Baixa nível Térreo Inferior. Fonte: Centro de Planejamento Oscar Niemeyer – CEPLAN-UnB

A estrutura é composta por pilares de planta em cruz e distam 10 metros entre si, configurando um fuste estrutural que percorre os 4 pavimentos.

Estas funções se organizam em torno dessa malha a partir de subtrações e balanços, que configuram mezaninos, pés-direitos duplos e varandas. Elementos de vedação em concreto se

alternam entre planos de vidro. Na fachada oeste, elementos de proteção solar pendem da cobertura atenuando os refeitórios e demais áreas de estar.

A austeridade construtiva se estende no emprego de materiais. O piso de cimento queimado se alterna com placas emborrachadas. O acabamento em pintura sólida de elementos como balcões, marcam o contraste entre superfícies. A conjugação de materiais se estende para o passadiço em estrutura metálica que conecta a torre de circulação de serviços e o volume principal. A apreensão do edifício é analítica, proporcionando diferentes percepções a medida que se caminha em torno do edifício. A vegetação generosa ajuda na caracterização da escala, amortecendo sua presença na paisagem.



Figura 6. Restaurante Universitário. Fotografia de Joana França, 2012.

Em síntese o edifício descrito como proposto, em uma caracterização geral:

- a) **Quanto a composição e volume**, há predominância pela horizontalidade, explicada em parte por questões do programa e pela própria inserção do edifício no *campus* e na cidade. Há aqui a solução em bloco único, sendo que este se conecta a uma torre menor, de serviço, sendo que estes dois elementos recebem o mesmo tratamento plástico.

- b) **Quanto ao sistema estrutural e de cobertura.** O concreto moldado *in loco* é o material empregado. Os pilares possuem seção horizontal cruciforme que diminui em direção ao topo. O teto em grelha está em sintonia plena com a modulação estrutural. Uma marcação semelhante se apresenta nas fachadas, compostas por dois tipos de placas cimentícias alternadas entre planos de vidro. As aberturas zenitais configuradas por elementos funcionais (e ornamentais) permitem dissipar os vapores das cozinhas
- c) **Quanto às superfícies e materiais.** Grande rugosidade nas texturas proporcionada pelo desenho das fôrmas de madeira, em contraste com os pisos polidos das áreas internas.
- d) **Quanto ao corte** observa-se a valorização do raciocínio construtivo como forma de valorizar a dimensão espacial alcançada pela técnica. Alternância equilibrada entre cheios e vazios, tanto quanto entre superfícies destacadas e recuadas nos planos de fachada. Os elementos volumétricos apensos, como torre de circulação, ampliam a fragmentação de leitura do objeto.
- e) **Quanto à implantação** os acessos são francos e irrestritos, marcados também pela transparência visual proporcionada pelos grandes planos de esquadria. Conjugação entre diferentes cotas do terreno por meio de rampas e planos inclinados.

A REITORIA DA UnB

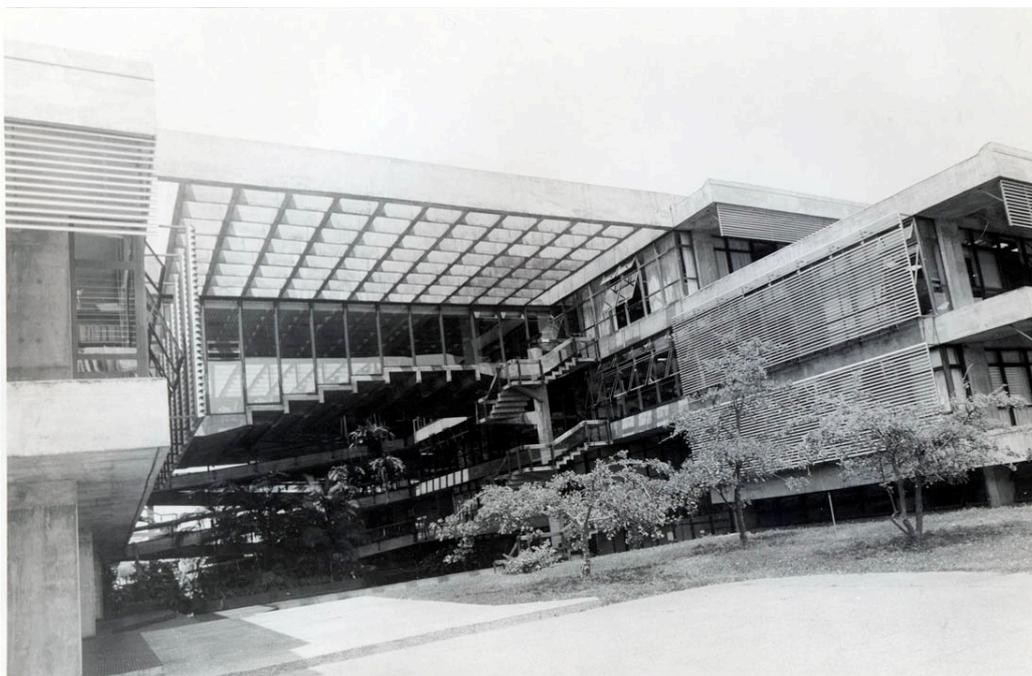


Figura 7. Reitoria da UnB. Auditório suspenso entre as duas alas. Fonte: CEDOC-UnB. .

A Reitoria da UnB forma com o ICC e Biblioteca as balizadas da Praça Maior. Assim como no RU, há predomínio do concreto aparente em estruturas e vedações, tanto quanto o cuidado no tratamento de pormenores. A exemplo de outros edifícios no *campus*, pode-se acessar a edificação a partir de diferentes níveis, de tal forma que o térreo aparece aqui multiplicado na forma de rampas, passarelas, patamares se destacam sobre o espalho d'água (hoje desfeito). Há

uma permeabilidade radical com o espaço adjacente, os jardins se confundem. Ainda que o caráter do edifício demande tom cerimonial, a flexibilidade de níveis estabelece a hierarquia entre ambientes sem que se perca a percepção de conjunto.

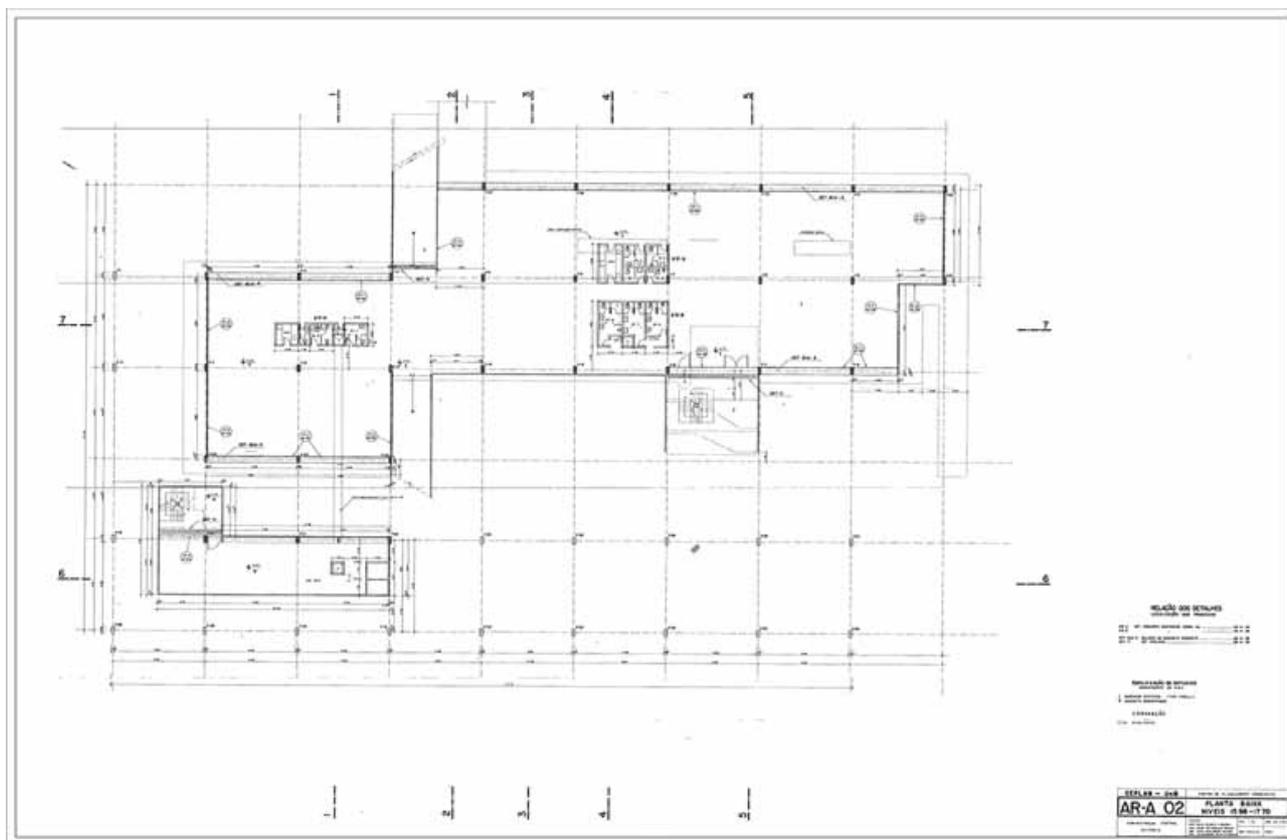


Figura 8. Reitoria, planta nível de acesso.. Fonte: Centro de Planejamento – CEPLAN-UnB

O edifício se configura em duas alas principais conectadas por rampas que vencem meios-pavimentos por vez. Essa *promenade* interna amplia o sentido simbólico de percepção do edifício sem ferir seu caráter relacional e cotidiano. O caráter geométrico se apresenta nas grelhas estruturais, nos painéis pré-moldados de fachada, na modulação do banco e guarda corpo e em demais marcações que definem o espaço.

Em síntese o edifício descrito como proposto, em sua caracterização ampla:

- a) **Quanto a composição e volume**, os dois blocos (ou alas) conjugados apresentam grande horizontalidade. Estas alas estão conectadas pelo Auditório, pelo plano vazado superior e pelas dependências do Reitor, além, claro, das referidas rampas.
- b) **Quanto ao sistema estrutural e de cobertura**. O concreto moldado *in loco* é o material empregado. Destaca-se aqui o uso de elementos fixos, como os bancos que são também guarda-corpo, na dimensão modular e compositiva do edifício. O teto em grelha está em sintonia plena com a modulação estrutural, sendo que no vão central este se configura em uma superfície vazada para o jardim. Uma marcação semelhante se apresenta nas fachadas, compostas por um módulo de placa cimentícia, à frente dos vazios da esquadria

As aberturas zenitais também são configuradas por elementos funcionais (e ornamentais) permitem iluminação dos ambientes de trabalho.

- c) **Quanto às superfícies e materiais**,. A rugosidade nas texturas se mostra mais evidente nos acabamentos externos, em contraste com os pisos polidos das áreas internas.
- d) **Quanto ao corte** observa-se a valorização do raciocínio construtivo como forma de valorizar a dimensão espacial alcançada pela técnica. Alternância entre cheios e vazios nas fachadas mais longas confere robustez ao volume, enquanto sua vista lateral corresponde quase inteiramente ao corte.
- e) **Quanto à implantação** os acessos são francos e irrestritos, marcados também pela transparência visual proporcionada pelos grandes planos de esquadria. Conjugação entre diferentes cotas do terreno por meio de rampas e planos inclinados.

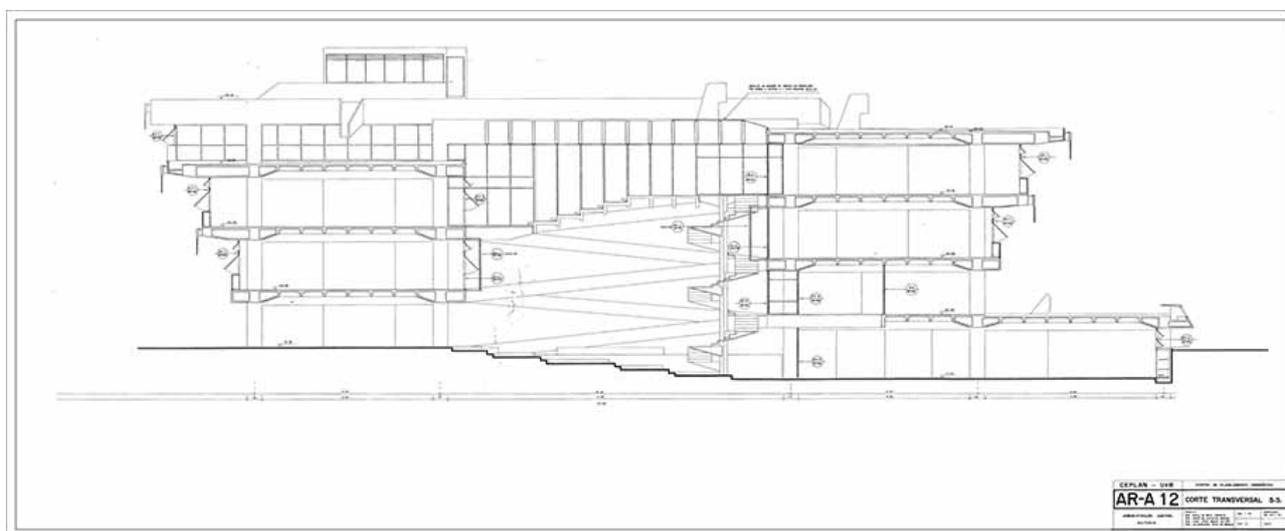


Figura 9. Corte transversal da Reitoria. Auditório no primeiro plano, ao fundo, as rampas .

Fonte: Centro de Planejamento – CEPLAN-UnB

A arquitetura moderna em Brasília ganhou, nas décadas recentes, contornos mais definidos, graças ao esforço de pesquisadores empenhados na investigação de filiações, tendências e obras referencias compreendidas, especialmente, entre as décadas de 1960 e 1970. Esta arquitetura parece perder aos poucos o caráter de abreviatura difundida e conveniente, tal como foi dito por Carlos Eduardo Comas (2002). Sua leitura é, por outras tantas razões, absolutamente atual e pertinente, naquilo que sugere a situa entre tradição e linguagem, revelando o caráter aberto e plural da modernidade arquitetônica no Brasil.

CONCLUSÃO

A inauguração de Brasília aparece no cenário nacional como uma conjugação de acontecimentos históricos, políticos, sociais e artísticos notáveis, o que não é suficiente para pontuar o complexo conjunto da produção artística e arquitetônica que se assistiu nas décadas seguintes. Ao contrário de alguns esquemas menos abertos, a pluralidade deste pós-brasília pode ser maior do que se imagina, tanto quanto pode servir para se discutir aspectos de influência por parte dos arquitetos do período, sendo que esta nunca se dá aleatoriamente, mas tem atributos distintos quando assimiladas em diferentes meios.

Nesse sentido vale ressaltar que a presença da arquitetura brasileira no contexto internacional, ainda é marcada por apontamentos generalistas por parte da crítica. Aos olhos de muitos comentadores, a vista sobre o Brasil permanece icônica, representada por um breve material de leitura, insuficiente para abarcar a complexidade de realizações, propostas e caminhos. Parte também daí a proposta de estudar dois edifícios referenciados situados fora do trajeto monumental da cidade

A ideia dessa espécie de Brutalismo ao rés-do-chão – de fronteiras dissipadas e térreos multiplicados – podem ir ao encontro de teses semelhantes, Estas, ainda que situadas em outros contextos ou cidades, poderão abrir outras abordagens, entradas e novos olhares sobre objetos conhecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acayaba, Marlene Milan. **Brutalismo caboclo e as residências paulistas**. Projeto n° 73, março 1985, p.46-48

Bastos, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2003.

Comas, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras.Sobre um Estado Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos**. Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII- Vincennes- Saint Denis, 2002.

Sanvitto, Maria Luiza A. Brutalismo Paulista: uma análise composicional de residências paulistanas entre 1957 e 1972”. Dissertação de Mestrado, PROPARG, Porto Alegre, 1994.

Zein, Ruth Verde. **A arquitetura da Escola Brutalista Paulista, 1953-1973**. Tese de Doutorado:UFRGS, PROPARG, Porto Alegre, 2005.